

# REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 100

DOMINGO, 13 DE ABRIL

Numero : 300 réis

## CHRONICA

Não entro em profusas divagações sobre os mysterios da politica indigena nem é officio do chronista levantar sequer a fimbria da saia dessa irritadiça matrona, tão complicada de babados, entremeios e quejandas « fanfreluches ». Deixal-a com os segredos da sua alcova e os recursos

nios do archeologo e do antiquario. Com uma actividade febril, com uma curiosidade mental nunca saciada, com um intelligente aproveitamento do estrangeiro que de braços abertos recebe, acolhe e agasalha, com um grande orgulho da amenidade do seu clima, da uberidade do seu solo e da progressividade do seu povo, os paulistas levam-nos de vencida em tudo quanto torna a existencia formosa, confortavel, culta e por isso feliz e amada. A sua instrucção popular não tem rival no Brasil

prodigio da celeridade e solidez de execução, é uma satira eloquente aos nossos comboios interminaveis, ao desconforto e aperto dos nossos carros, ao aspecto descurado do respectivo pessoal. Da architectura dos seus edificios, da elegancia das suas fachadas, do coquettismo dos seus interiores, nem fallemos: basta olhar e comparar; o paralelo é deprimente para a nossa immobilidade de fakires. Por que será que hoje S. Paulo é o mais europeianizado de todos os Estados do Brasil e a sua

## HOSPITAL DO ISOLAMENTO DE S. PAULO



Grupo de enfermeiras. A primeira, do primeiro plano, a contar da direita do leitor, é brasileira; todas as outras são inglezas.

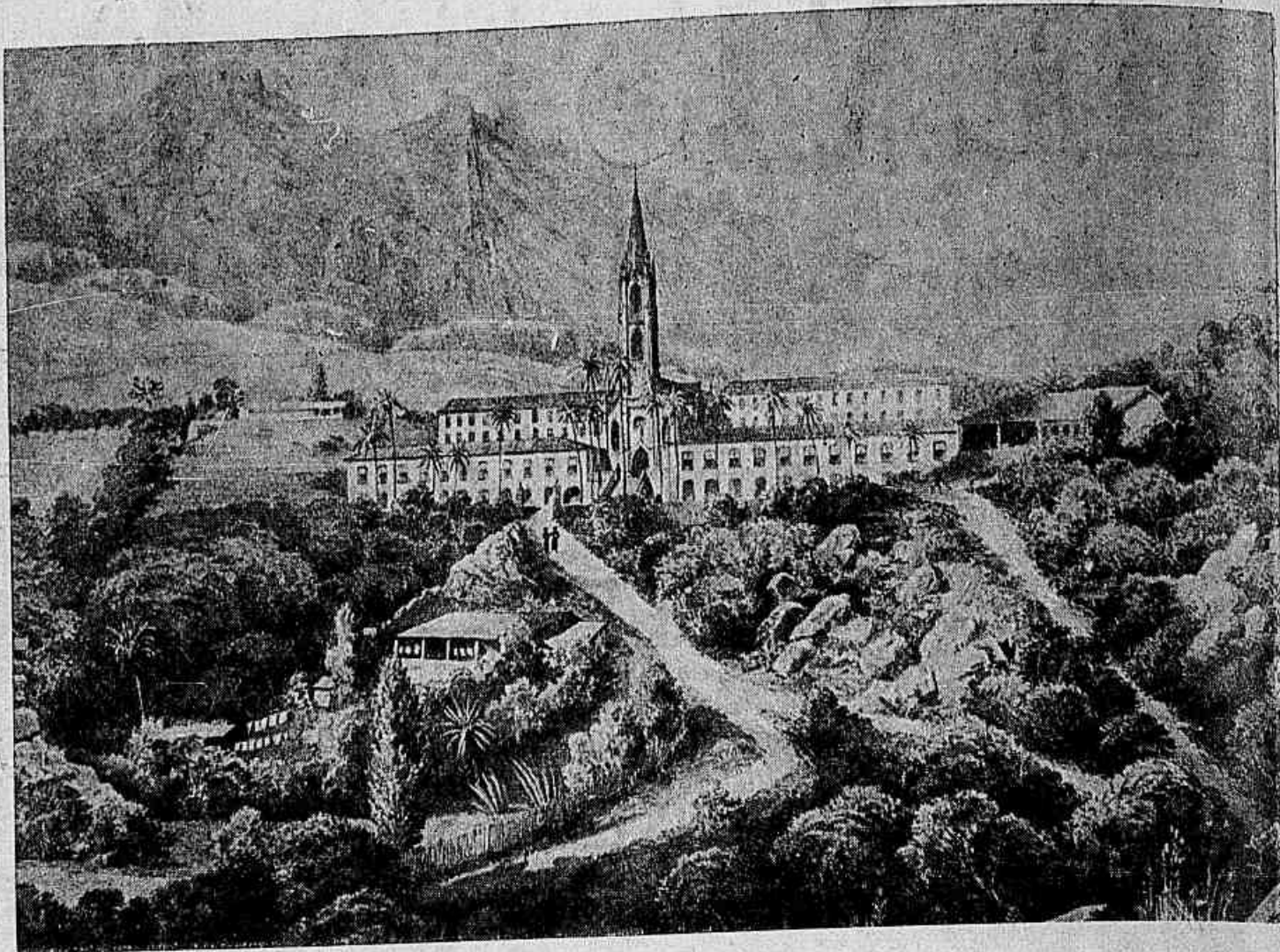
mais que suspeitos do seu toucador. Limite-se a chronica a consignar factos, urdindo sobre elles a trama dourada da phantasia. Rasão pela qual é impossivel reprimir um movimento de sympathia e applauso á visivel superioridade que em muitos pontos essenciaes nos leva a civilização paulista. Em acanhado periodo, o Estado de S. Paulo transformou-se tão completamente que descrever-lhe a estrutura de ha vinte annos — o terço da vida de uma geração! — quasi entra pelos domi-

e as suas escolas alliam ao adiantamento dos methodos de ensino, a riqueza do material escolar e a sumptuosidade dos edificios. Os serviços sanitarios da capital paulista não abonam os da capital federal. As installações da administração publica revelam a tutela intelligente de quem soube ver e assimilar o que de melhor no genero existe lá por fóra. As suas edilidades porfiam em embellezar a cidade, dando-lhe largas arterias, inundadas de sol, varridas pelo ar puro. A sua viação electrica,

capital um exemplo de civilização intensiva? Em primeiro lugar, pelo seu clima. A lei scientifica de que fóra das zonas temperadas o progresso só se mantem á custa de constantes renovações do sangue é hoje um axioma que resiste, imperturbavel, á rhetorica dos declamadores. S. Paulo, pela sua altitude que corrige as demasias da latitude, entra na classe dos climas temperados. A actividade physica e mental dão-se bem nesse frio tepido, fonte da intelligencia e da energia. Depois, essa mesma

amenidade climaterica attrahe, naturalmente, os melhores elementos migratorios. Por ultimo, o paulista é de todos os factores da sociedade brasileira o que mais viaja, e nas viagens aprende-se

S. Paulo preside á organisação dos serviços publicos e do dedicado auxilio que nos poderá prestar o estrangeiro se soubermos destrinçar o trigo do joio e aproveitar-lhe as aptidões, os talentos e a abnegação. Ao grupo de enfermeiras que em magnifica photographura reproduzimos, deve em grande parte o Hospital de Isolamento de S. Paulo a justa reputação que destructa entre nacionaes e estrangeiros. Dessas mulheres dedicadas, dedicadissimas mesmo, uma é brasileira, todas as outras inglezas. Perguntae á nossa pa-



COLLEGIO DO CARAÇA

Panorama Geral — Estado de Minas Geraes.

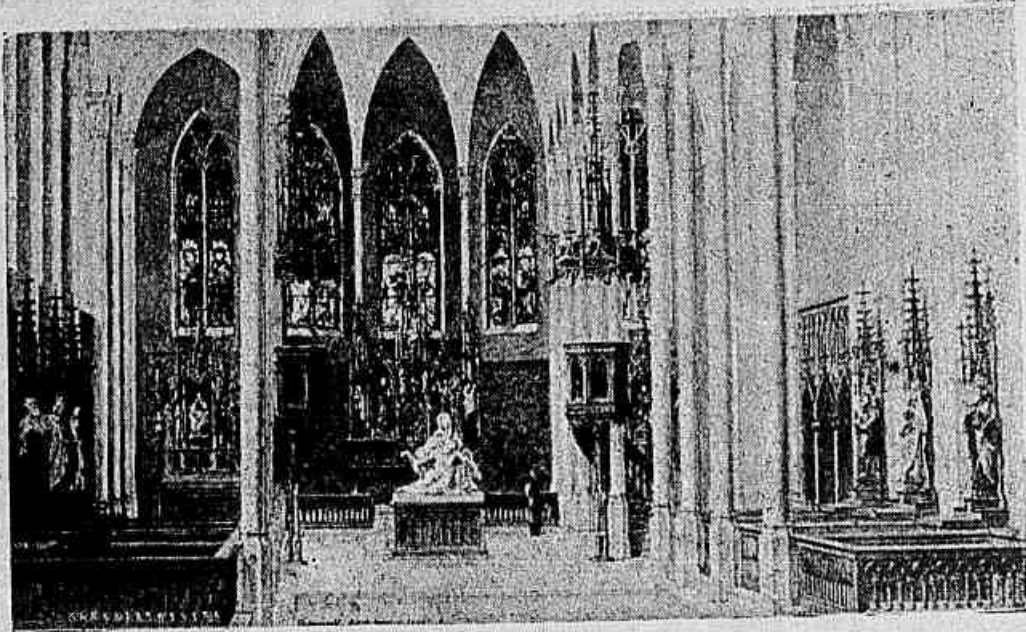


NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS

Venera-se na Serra do Caraça — Estado de Minas Geraes.

principalmente a respeitar os outros povos pelos seus progressos e adquirem-se noções indispensaveis de solidariedade social.

Ainda hoje a *Revista* dá aos seus leitores um exemplo frisante do tino e do criterio que em



Egreja do Caraça — Collegio do Caraça — Estado de Minas Geraes.

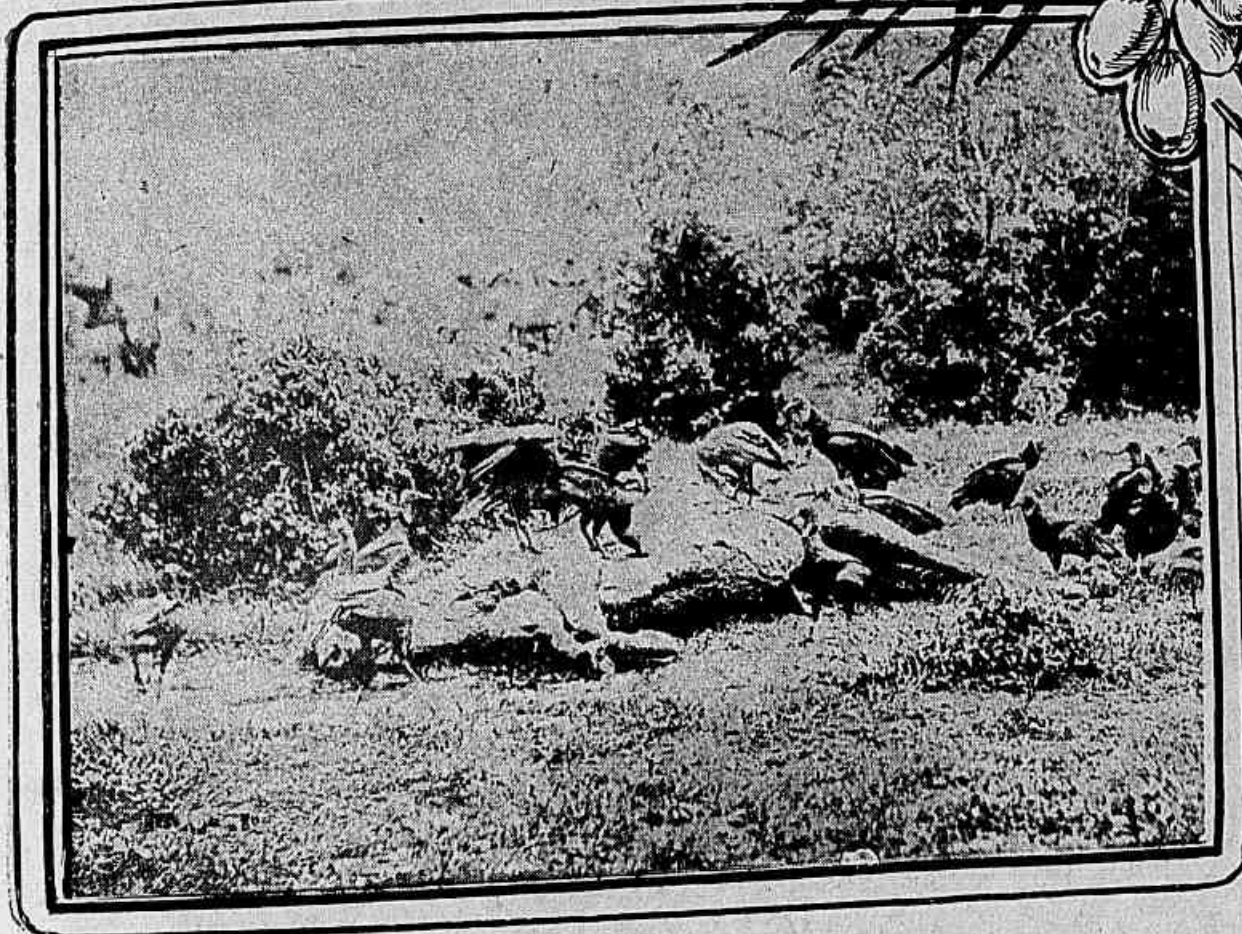
tricia o que pensa das suas camaradas e ouvireis maravilhas. Santa communhão, divina confraternidade perante a Dôr! Uma dessas moças, quasi uma criança, já contrahiua duas vezes o «croup», á cabeceira das criancinhas que desveladamente trata, de dia, de noite, a toda a hora, porque todas são incansaveis. E não lhes falleis em deixar esse posto de sacrificio! E' o seu prazer e a sua gloria. Não o trocariam por outra profissão mais lucrativa e confortavel. Graça, formosura, mocidade, tudo ellas offerecem para suavisar as dôres dos vossos filhos, ó brasileiros e estrangeiros que me lêdes, ó creaturas que tanto presaes a carne da vossa carne, o sangue do vosso sangue, o fructo do amor e da paixão.

Jacques Bonhomme.



JUBILEU DE S. S. LEÃO XIII — Na basilica de S. Pedro : o Pontifice redestinando a thiará antes da procissão.

# UM BANQUETE DE CORVOS NO PARANÁ



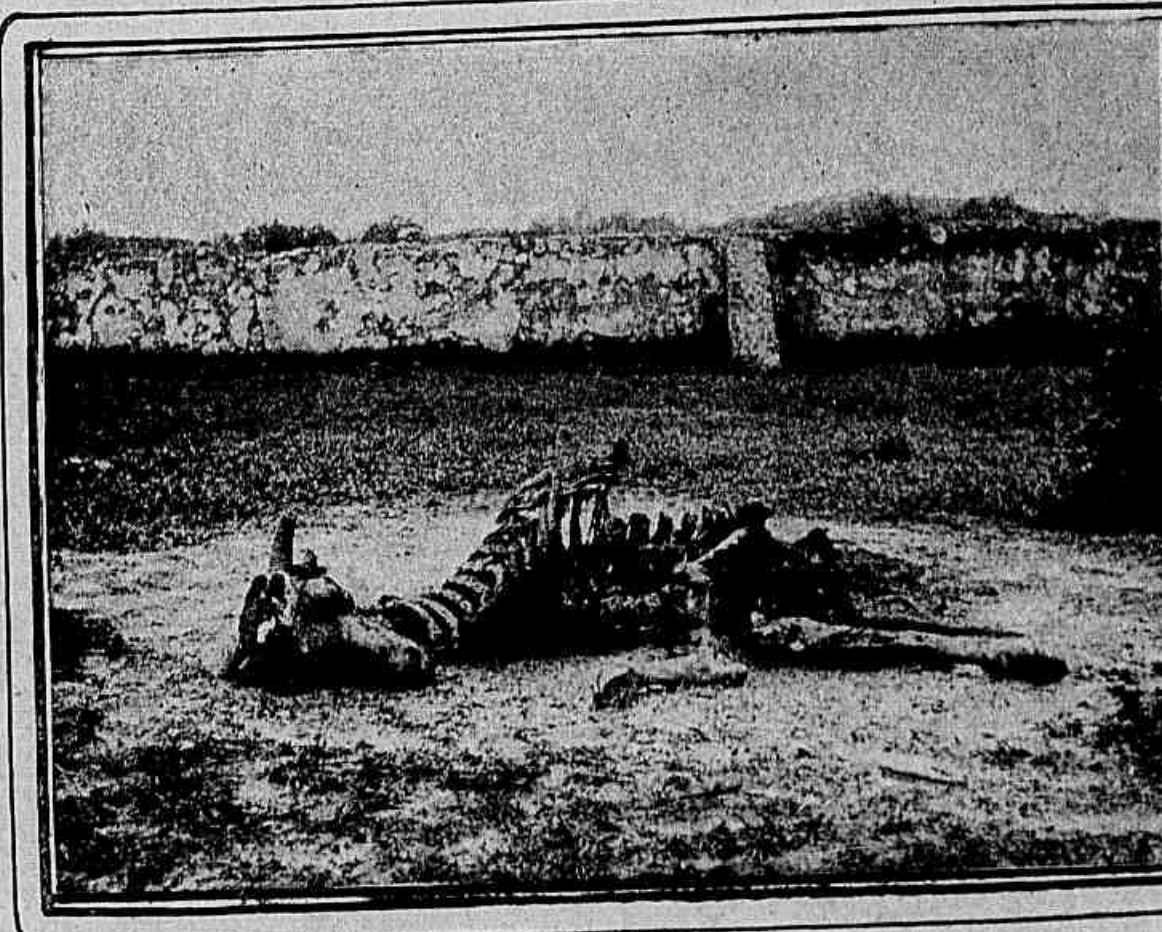
PRIMEIRO DIA



TERCEIRO DIA



SEGUNDO DIA



QUARTO DIA

OFF. do JORNAL DO BRASIL

A scena que acima reproduzimos é colhida em flagrante na vida sertaneja do Brasil. Tem o interesse da verdade e o pittoresco dos grandes quadros da natureza selvagem na liberdade absoluta das suas necessidades, dos seus instintos e das suas lutas. Pertence ao grupo dessas « curiosidades photographicas » que os grandes *magazines* e revistas illustradas do estrangeiro procuram com afan pela sua raridade. O acaso permittiu que um dos numerosos correspondentes da *Revista da Semana* podesse fornecer-nos uma pagina magnifica, de uma vida intensa, colhida no Estado do Paraná, um dos que mais têm contribuido para esta publicação com os aspectos variadissimos da sua fauna, flora, costumes, tradições e vida social. Nas mãos de um dos nossos artistas essas photographias obtiveram pela decoração um relevo que lhes duplica o valor e por certo que os leitores da *Revista*

comprenderão o quanto nos esforçamos por tornar cada dia mais variadas e interessantes as paginas deste semanario.

Ao receber um telegramma do marido, dizia uma senhora no auge da sua alegria:

— E' de meu marido, não tem que vêr, conheço-lhe perfeitamente a letra!

O fallecido medico portuguez Souza Martins contava de um ministro de Estado, que alguns annos de dianteira lhe levou na morte, e de quem era clinico e amigo, o seguinte:

Um dia succedeu o medico entrar em casa daquelle seu amigo, quando elle, no seu quarto de vestir, se preparava para ir fardado á assignatura regia. A familiaridade havida entre ambos, autori-

sava o dono da casa a convidar o visitante a entrar no quarto reservado.

O medico entrou. O ministro vestia o collete. Auxiliava-o o seu criado particular. Comprimentaram-se. O doutor assentou-se; e o ministro, virando-se novamente para o espelho, abriu conversação gracejadora.

Composto o collete, ouve o doutor dizer o ministro, com a maior naturalidade, ao criado:

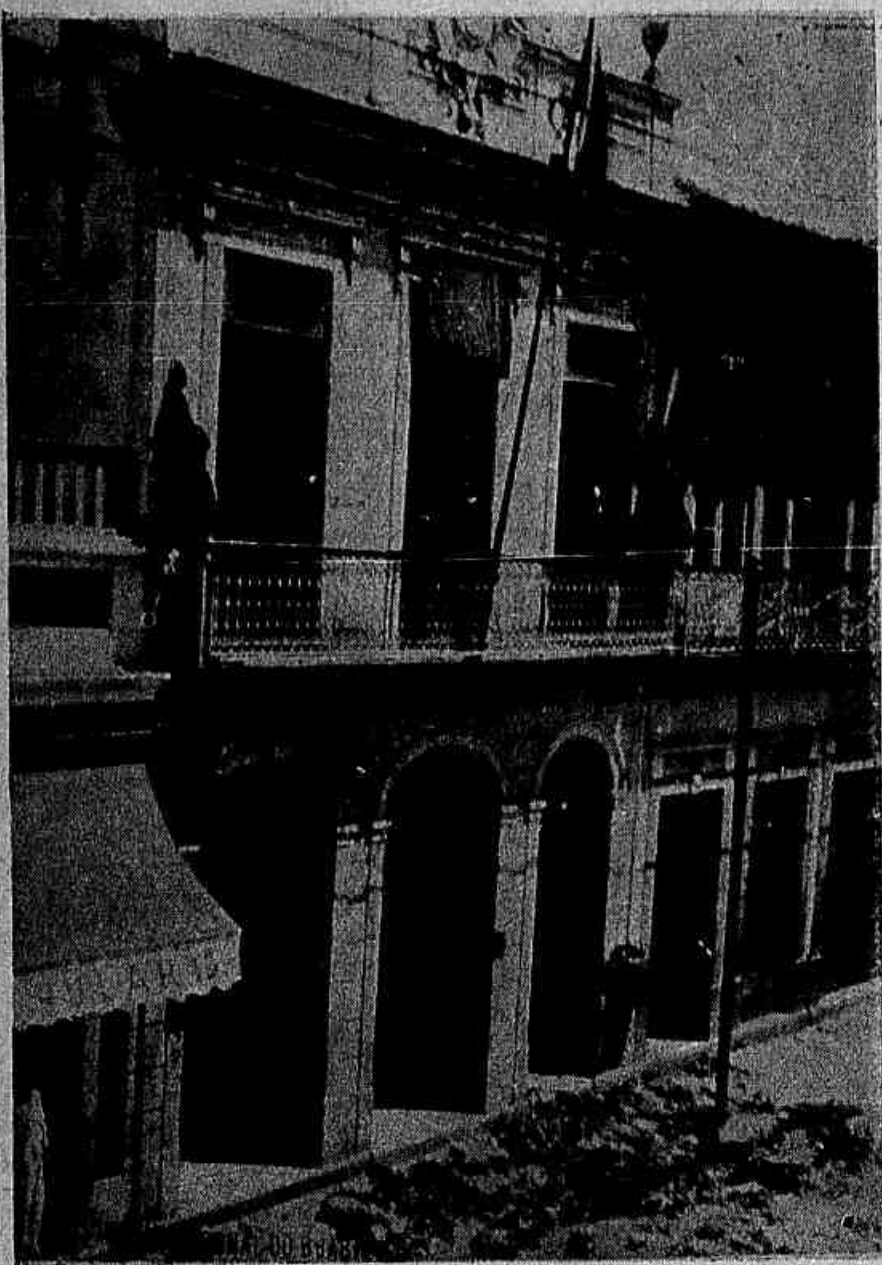
— Traze-me a albarda.

E o doutor, sorrindo, viu o criado tirar do guarda-fato... a farda.

Vestida ella, vagarosamente, sem que o seu dono interrompesse a historia alegre que estava contando, accrescentou:

— Agora a cilha.

E o criado traz a longa fita de uma grã-cruz, que lhe collocou a tiracollo.



A nova succursal da Repartição Geral dos Correios, em Botafogo.

## O CHIMPANZÉ MARINHEIRO

(Continuação do n. 99)

UMA rapariga alta e rosada, de fôrmas ainda infantis mas exuberantes, toda atacada num fresco vestido de musselina branca, vinha caminhando para elles, com um andar balançado de ave marinha, um sorriso encantador na pequenina bocca carminada e os cabellos soltos, esparsos

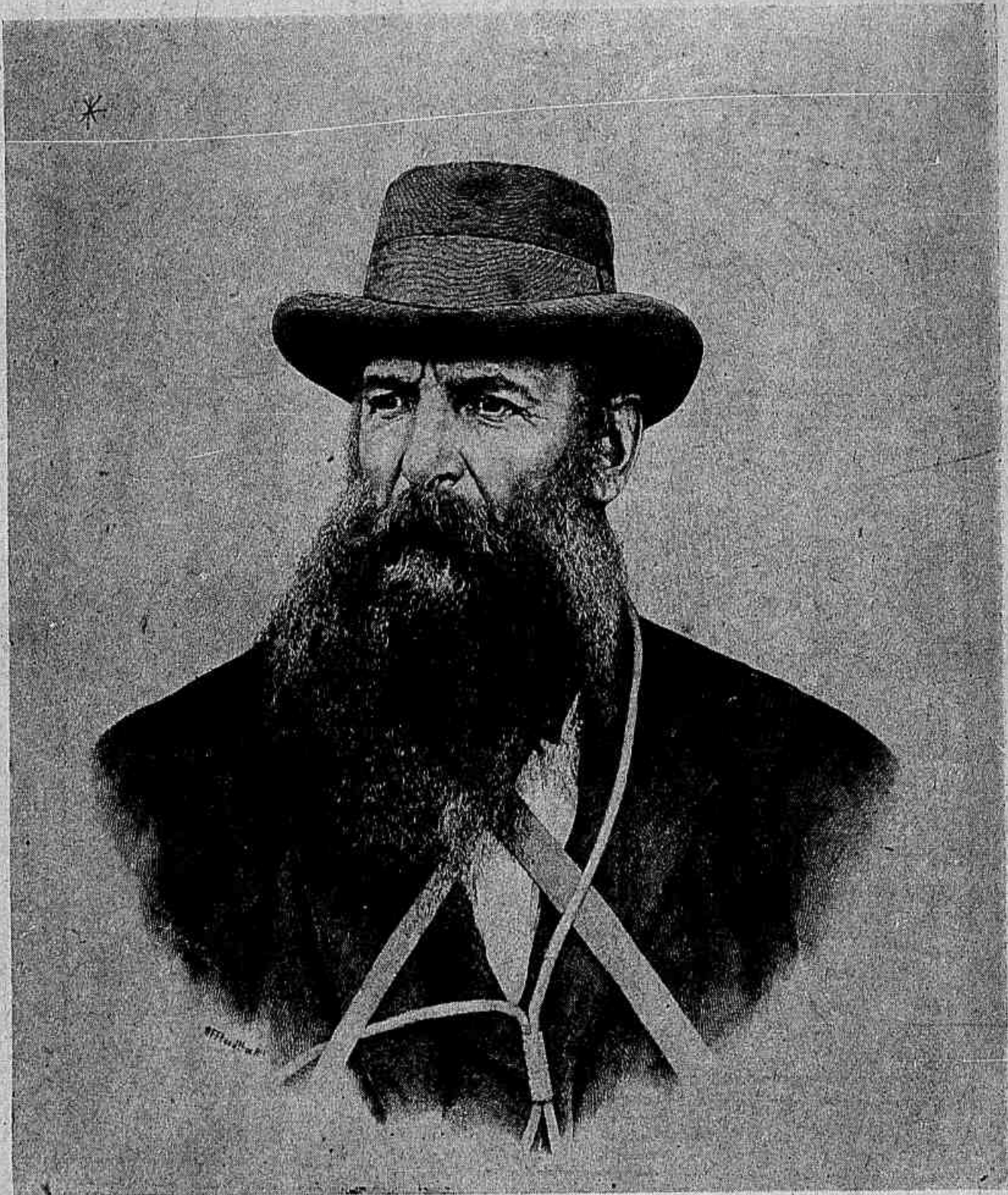
um dos mais lindos vasos da marinha mercante ingleza, pelo menos dos que até alli conhecia. Risonho e solícito, o velho marujo ergueu-se logo, encaminhando-se para a proa. O Victor seguiu-o, acompanhado do Charles Wilson, que lhe servia de interprete; enquanto o irmão, o Paulo, de certo fascinado pela peregrina belleza de miss Clara, ficava sentado a seu lado, á sombra do toldo de lona, numa palestra affectiva. Depois de visitados minuciosamente todos os compartimentos do convéz e da tolda, passaram ao salão da camara, para onde desciam tambem, nesse instante, miss Clara e Paulo, ambos tão unidos e enlevados na conversação em que vinham que bem pareciam namorados.

Era á hora do jantar a bordo. A larga mesa rectangular já se achava atalhada, tendo ao centro um alto vaso cheio de flôres, de onde se destacavam vivamente palmas de Santa Rita, cujas flôres amarellas e vermelhas roçavam de leve os *glass racks* de madeira, onde se alinhavam em profusão calices de crystal colorido, que faiscavam junto ao tecto como um engastado gigantesco de topázios, esmeraldas e rubis.

Percorrida toda a camara, que o Evans detalhadamente mostrava ao Victor, para bem satisfazer a curiosidade nautica do rapaz, sentaram-se todos á mesa. O despenseiro, um homem plethorico e de cara escanhoad, dando os ultimos toques aos talheres e pratos, correu então

mão esquerda e coxeando um pouco nas suas pernas em X, a um signal do despenseiro depôz sobre a mesa um prato travesso que trazia na outra mão, e immediatamente se foi collocar, a certa distancia, por detraz do capitão, que o olhava a sorrir-se, mostrando-o com interesse ao Victor.

Contemplando, assim de perto e pela primeira vez, aquelle esplendido exemplar de anthropoide, o rapaz não se poudo conter, e, esquecendo-se de



O general boer Delarey que venceu e aprisionou o general inglez lord Methuen.

para a tolda. E o capitão, na sua grande jovialidade, enquanto a sôpa não chegava, dizia ao Charles (que logo transmittia as suas palavras ao amigo) que dahi a instantes o Victor experimentaria uma grande surpresa, que lhe ficaria talvez como «impressão mais funda» da sua visita ao navio.

Assim prevenido, o rapaz entrara a pen-

que o Evans não o podia entender, gritou-lhe de repente:

— Oh capitão! Isto é um dos nossos antepassados! Isto é de certo o chimpanzé ou o gorilla do Gabão!

Virgilio Varzea.

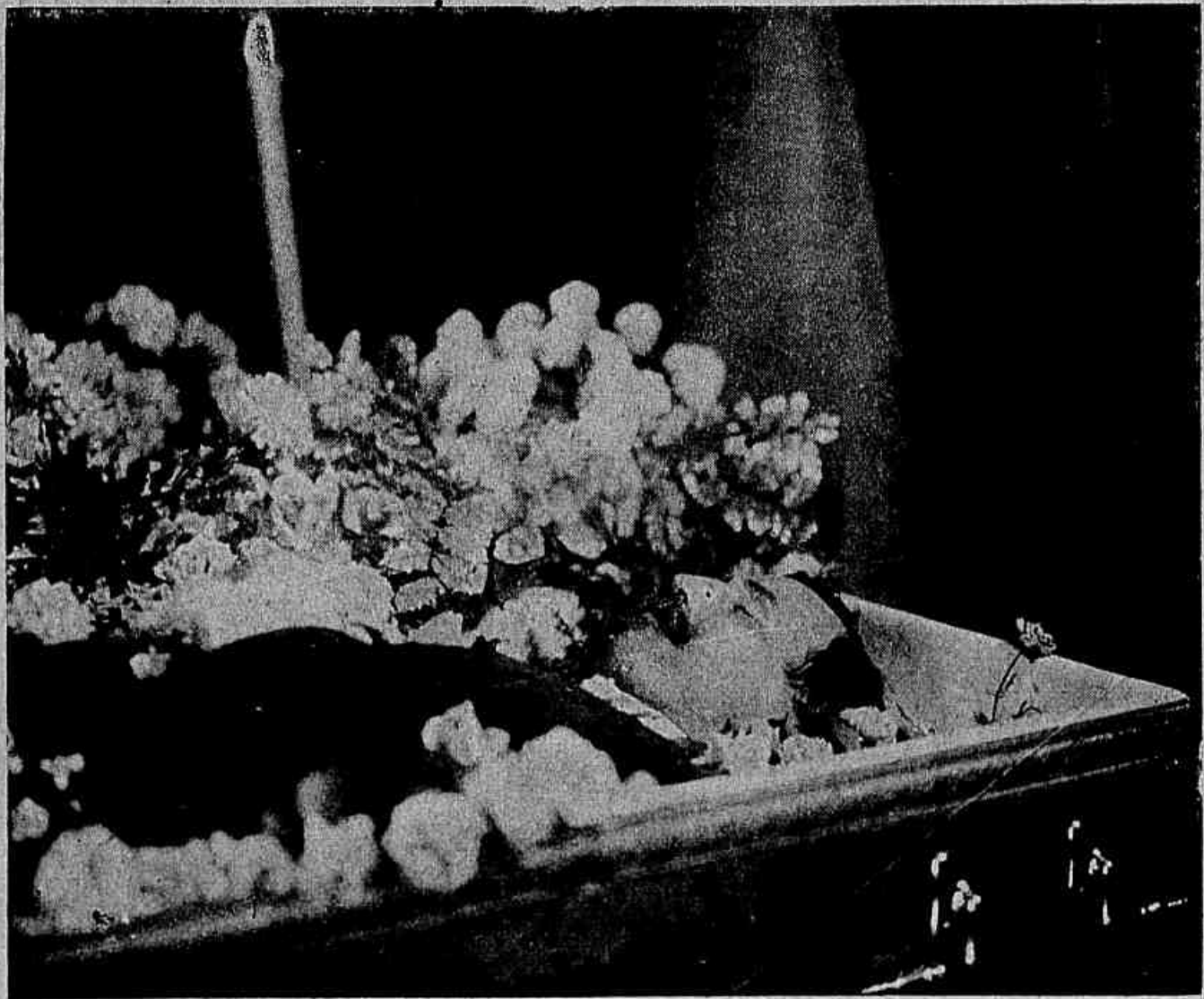
(Continua).

— Qual é o animal que mais se prende ao homem?  
— A sanguessuga.

Num café:

Sabe que eu tenho a coragem das minhas opiniões...

— E eu tenho a mais triste opinião ácerca da sua coragem!



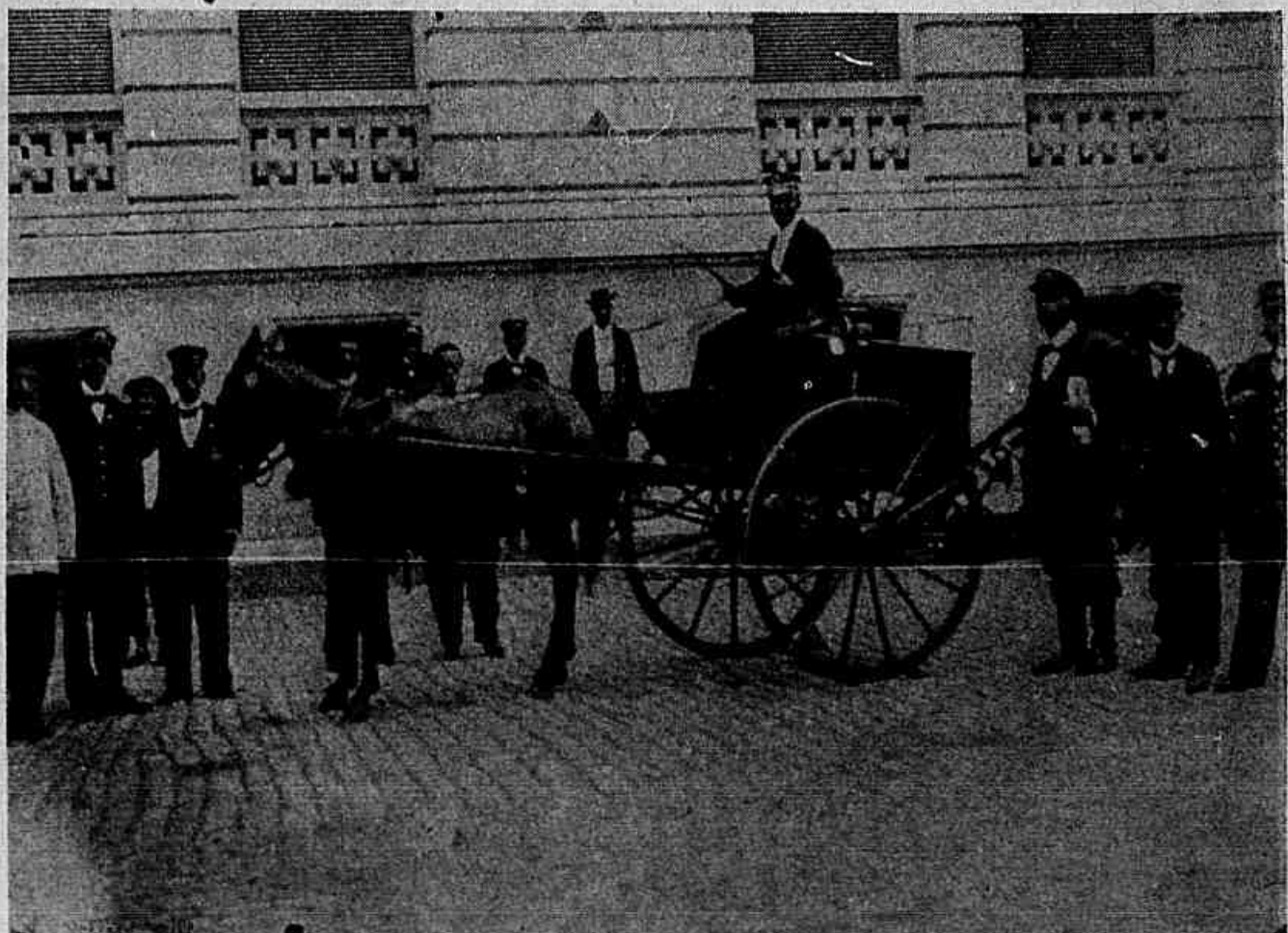
Amando Darlôl no caixão, completamente coberto de flôres. (Phot. de Marc Ferrez.)

densamente pelos hombros como um estranho manto de ouro. Era miss Clara, a filha do capitão Evans, que, desde o fallecimento da mãe, havia tres annos, em Dublin, acompanhava o pae nas viagens de longo curso pela America.

Apenas o Victor fôra apresentado á loura e celestial creatura, em cujos olhos transparentes de sable elle lia ainda a vaga amargura daquelle longo triennio de orphandade materna, sentaram-se todos num dos bancos da gaiúta; e ali ficaram muito tempo a admirar o panorama arrebatador da bahia, que miss Clara affirmava, numa voz ideal, de um timbre doce e melancolico, «ser um dos mais bellos que vira».

Mas o joven brasileiro, na sua preocupação de conhecer o navio, não obstante a attracção irresistivel da formosa rapariga, apenas esvasiara o calice de cognac que o Evans mandara servir, pediu-lhe para percorrer a galéra, que lhe parecia

sar em que consistiria a «surpresa» que lhe preparára o *master*, quando o despenseiro entrou, com uma terrina na mão, seguido de um estranho negro, de baixa estatura mas athletico, horrivelmente pelludo, cujo enorme prognatismo, a bocca rasgada e grossa, onde os caninos se mostravam colossaes e ameaçadores, lhe davam um aspecto feroz. Vestido de zuarte, e com uma faixa escarlate á cintura, o *homem*, apoiado a uma vara de pinho segura á



Os ultimos melhoramentos no serviço postal — Carrinho n. 3 para collecta de cartas.



**Modas da Revista — 1** — Dois vestidos para baile, um de grenadine preta toda guarnecida de fitas de setim largas e mais estreitas. O outro é de seda azul com bolas brancas, enfeitado com applicações de renda crème.

**2** — Um laço e duas rosetas para chapéo. São muito modernos e de facil execução. Os quatros desenhos mostram como se deve fazer o laço e o modo de pegar na fita.

**3** — Quatro novos modelos de casaco. Podem-se fazer de qualquer fazenda, tanto leve como pesada.

**4** — A ultima palavra da moda são as « saias-calças », não têm costas nem frente, são guarnecidas da mesma fórma.

**5** — Um penteador Egypciaco, sem mangas e sem abertura alguma, tanto atraz como na frente.

## OS THEATROS

Muito pouco temos de escrever sobre theatro no presente numero da *Revista*. Mantem-se o cartaz da semana passada, só alterado no beneficio de Rosina Bellegrandi e no festival a Santos Dumont promovido pelo *Jornal do Brasil*.



QUO VADIS?

[TIGELLINUS (BRAGANÇA)]

por Alfred Capus na sua comedia *La Veine* e tão ferina e graciosamente glosada por Henry Bordeaux em uma chronica do *Figaro*, esse processo *vieux jeu* parece-me ainda o mais fecundo e o mais decente. Alvaro Peres dispõe de qualidades naturaes apreciáveis. Em primeiro lugar, curiosidade mental, o que não vale pouco; depois, o respeito pelos mestres da lingua e o amor pelas cousas litterarias; finalmente, certo dom de observação que não passa despercebido aos profissionaes. A opereta está traduzida com fluencia; é facil e theatral.

*Baroneza... às pressas*—continua em ensaios de apuro, pois foi representada como comedia na primeira noite sem a musica muito graciosa que para ella escreveu Barbier.

Emquanto o *Quo Vadis?* prosegue em sua carreira triumphal continuam em ensaios *A Honra*, de Sudermann, e *O mais feliz dos tres*, de Labiche e Hennequin.

Cinira Polonio, Rose Villiot, Mattos, Peixoto e os seus companheiros partiram para S. Paulo, onde lhes auguro uma fructuosa temporada e no Lucinda estreará em breve a companhia Silva Pinto. Com a chegada da companhia Tomba ficaremos com tres theatros a funcionar no Rio de Janeiro.

De Portugal, a noticia mais importante é a da primeira representação de *Blanchette*, de Brieux, traducção de João Luso, no theatro D. Amelia. O publico fluminense recebeu muito bem a peça e Christiano de Souza alcançou um grande successo, o seu primeiro grande successo, a julgar por uma chronica de João Chagas que me pareceu a nota critica verdadeiramente imparcial sobre o caso:

«Quem, desde já, obteve um verdadeiro triumpho com a representação desta peça foi — quem? Christiano de Souza.

O publico do Porto conhece melhor do que nenhum outro este artista que nada, nem a sua condição, nem as suas aptidões, nem sequer a sua figura fadavam para a scena. Os seus inicios no theatro foram verdadeiramente desastrosos. Ao vel-o representar, tão embaraçado, tão timido, tão *gauche* e tão mal servido pela natureza para o theatro, toda a gente perguntava, desolada, por que motivo trocara esse moço rico e feliz, bacharel e *gentleman*, a sua carreira e a sua sociedade pela carreira e pelo mundo scenico, onde



Actor MARZULO

parecia estar tão mal e ter tão limitado futuro. Christiano de Souza não era mesmo um actor máo. Não era um actor.

Mas é bem certo que a intelligencia e a vontade são soberanas do homem e do mundo!

Christiano de Souza desapareceu, sem comtudo renunciar á scena, e certamente applicou-se muito, estudou muito, porque hontem, sabbado, no theatro D. Amelia — é preciso ter a coragem de dizer isto — appareceu-nos um grande actor.

Sabe-se o que elle teve de vencer para attingir o resultado imprevisto e fabuloso, não já de ser um artista superior, mas de se fazer reconhecer como tal? Teve de vencer-se a si proprio, em primeiro lugar, mas teve principalmente de vencer o publico, que estava quasi irremediavelmente indisposto com elle, que lhe era hostil — é preciso dizer isto — e que só hontem, no meio da sua surpresa, lhe estendeu definitivamente as mãos.

A sua interpretação da *Blanchette* não dá lugar a restricções. É perfeita e é mais do que perfeita: é bella como as cousas bellas, porque é, em primeiro lugar, um estudo magnifico e porque é, depois, um effeito de realização no theatro como poucas vezes se observa. O publico do Porto terá occasião de ver a *Blanchette* e confirmará — estou certo — este juizo, para formular o qual eu disse que é preciso ter coragem, porque para tudo, assim para condemnar, como para engrandecer as cousas e os homens, é necessario ter essa porção de desassombro que eleva as consciencias acima dos erros, das incompreensões e dos servilismos da opinião.

Mas o que quer dizer este triumpho, a par de tantas exhibições apagadas e frias?

Quer dizer que este artista precisa fazer-se um

repertorio que esteja em relação com as grandes faculdades que mostrou no desempenho da *Blanchette*, e não sair delle sob pena de recair n'uma mediocridade que não póde ser a recompensa de tamanho esforço e de tamanho merito.

O desempenho da *Blanchette* é, de resto, todo elle bom, sem prejuizo de ser de uma justeza de observação e de um sentimento acima de todo o elogio por parte de Lucinda Simões.»

Alóra as noticias que antes damos, o theatro em lingua portugueza nenhuma novidade permite consignar. Verdade seja que em Portugal a presente temporada está por pouco.

Veremos em breve no Lucinda o *Caso Colonial*, um libretto do escriptor paulista Gomes Cardim para o qual o dr. Carlos de Campos escreveu musica deliciosa, revelando-se um compositor inspirado. A empreza, usando do velho e pessimo sestro de julgar a propriedade litteraria dos autores esfregão de co-

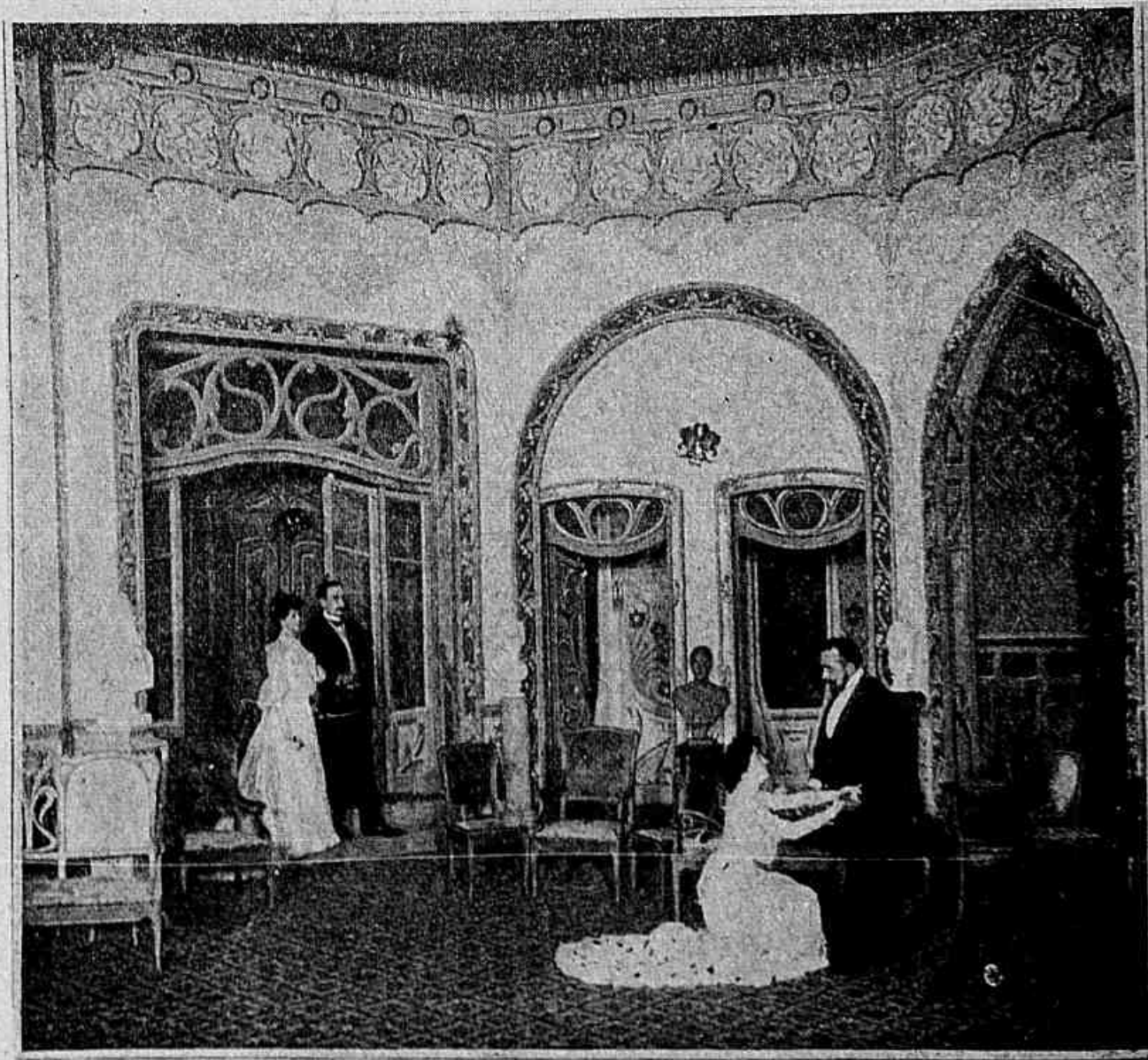
zinha, pretendeu mudar o titulo da peça, substituindo-o por outro que reputou mais rendoso — *Os portuguezes em 1640*. Não esteve pelos autos o sr. Gomes Cardim que protestou, indignado, em telegramma dirigido ao *Jornal do Brasil*, no que fez muito bem pois a peça tem condições intrinsecas, valor artistico real que dispensam a collaboração alheia: *Ne sutor ultra crepidam*.

A companhia Dias Braga acaba de fazer uma excellente aquisição na actriz Elisa de Castro a quem foi distribuido n'A *Honra* o papel da sra. Heinecke. Elisa de Castro é uma das nossas caracte-



HENRI LAVEDAN

(Autor da peça em 3 actos — *Le Marquis de Priola* — actualmente em scena na Comedie Française — Paris.)



THEATRO DO ATHENEU (Paris) •

MADAME FLIRT: comedia em 4 actos de P. Gavault e G. Berr — Scena final — Personagens, a contar da direita do leitor: Ancelin (M. Bullier), Marcelle (Mme. Dulac), Jacques (M. Deval), Fernande (Mme. Valdey).

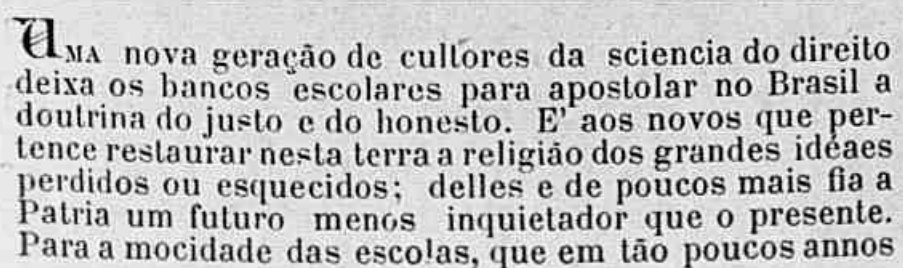
risticas mais intelligentes, comprehendendo o que lê e dizendo-o ainda melhor. Certo lhe estão reservadas muitas noites de fartos applausos.

Farfalla.



ANATOLE FRANCE

(Autor do drama em 3 actos e um prologo, em verso, musica de Francis Thomé — *Les Noces Corinthiennes* — no Theatro Nacional do Odéon — Paris).



hoje publicamos nada falta para a benéfica sementeira das idéas generosas e fecundas: a intelligencia que illumina, a curiosidade mental que investiga, a memoria que archiva os feitos para relembra-los na sua lição heroica, a energia da mocidade que remove montanhas, zomba das difficuldades e afronta os perigos, sorrindo. E' quanto basta para operar um prodigio.

## O DESASTRE NA E. F. CENTRAL DO BRASIL

(Desenho de BAMBINO)



1 — Retrato do inditoso conductor de trem Joaquim Candido de Almeida e Souza, «croquis» tirado no dagão transformado em camara ardente, na estação Central. 2 — D. Joanna Lopes, ao ser encontrada morta no local do desastre pelos seus companheiros de viagem e pela infeliz criança que a acompanhava. 3 — Entrada do tunnel n. 11, onde se deu o desastre. 4 — O transporte dos feridos para o trem de soccorro, que os conduziu para Barra Mansa. 5 — Os feridos no Hospital, de Barra Mansa. 6 — Reconstrucção do abalroamento das locomotivas do S 2, nocturno de Minas, e do C 1, trem de cargas, no interior do tunnel n. 11.

*Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.*

# REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 100

DOMINGO, 13 DE ABRIL

Numero : 300 réis

## TYPOS DA RUA



ATXRO  
1902

off. do JORNAL DO BRASIL

O sapateiro ambulante

RAOUL DE NAVERY

(83)

## OS IDOLOS

XIV

AS BARRICADAS DA MORTE

Não se tratava mais de construir barricadas arrancando os lagedos, era mister achar barricadas feitas por si, descobrir um espaço bastante vasto para conter um numero consideravel de combatentes, e disposto de tal sorte que nelle se podesse organizar uma defesa desesperada.

As ruas tinham sido depressa varridas pela artilheria, atravessadas por correrias e cargas de cavallaria, e tomadas de assalto pelos soldados.

Os federados procuravam em vão de que lado poderiam concentrar as ultimas forças, quando João Machú reapareceu no meio delles.

Ao murmúrio de reprovação que se levantou respondeu:

— Sei o que ides dizer: salvei um padre! E' exacto! Foi idéa minha... mas ao primeiro que me accusar de ter trahido a causa da communa, espedaço-lhe a cabeça com o meu revolver... Se algum se tenta entre vós, caminhe para a frente!

O ar resolutivo de João Machú fez recuar os mais ousados, e o galé continuou:

— Estaes atrapalhados, não é verdade? Escutae o estampido da fuzilaria, e sabeis que a vossa vez vai chegar. Com gente como nós, o julgamento não será comprido: encostam-nos ao muro e zás! traz! Não será sem motivo: mas talvez algum appeteca outra cousa... Morrer por morrer, melhor é defender-se, pagar bala por bala, golpe por golpe. Estamos vencidos: eia! tenhamos a coragem de morrer como valentes patriotas e bons communistas. E' mister poder atirar, não em batalha campal, por que a cousa acabaria depressa, mas como ladrões de caça, nos bosques, os atiradores ao longo das cercas, e já calculei qual será o theatro de nossa ultima luta. Quereis seguir-me?

— Sim! Sim! repetiram 20 vozes.

— Pois bem, rapaziada! toca para o Père-Lachaise! Os tumulos nos servirão de barricadas.

— Ao Père-Lachaise! gritou a multidão como um echo.

A proposta de Machú foi considerada como um arrojo de talento. Dentro de uma hora um troço de federados, deliberados a morrer, invadiu o cemiterio: alli se assentaram as ultimas peças da communa, e ficaram promptos para defender até a morte o ultimo baluarte da insurreição.

Depois de ter commettido tantos sacrilegios, os federados iam consummar o ultimo, continuando, no campo mortuario, sua luta fratricida.

Ahi tornou-se mais pavorosa ainda do que nas ruas. Os soldados não tardariam a tomar de assalto o cemiterio, e a refrega tomou proporções inacreditaveis.

Não se lutava mais; matava-se.

Os federados, como não esperavam mais quartel, batiam-se com raiva; os soldados, exasperados pela perda dos seus, indignados por ter combatido contra semelhantes bandidos avançavam, avançavam sempre, amontoando os cadaveres atraz das sepulturas.

Cada capella tornára-se uma fortaleza.

Fazia-se fogo das janellas.

Quando as espingardas se quebravam, os revolvers esmagavam os craneos, e os punhaes dilaceravam os peitos.

O chão tornára-se um lamaçal ensanguentado, em que escorregavam vencedores e vencidos.

Alguns miseraveis puniam-se a si proprios, e mais de um fez saltar os miolos, para não cahir prisioneiro.

Um bando de federados cercado, acossado, sem meios de defender-se por mais tempo, rendeu-se; o terror da morte immediata, assustava-os mais do que as consequências de seus delictos.

Faltaram as munições; as peças cessaram o seu estampido, e os que as serviam cahiram, esmagados pela metralha, sobre os caixões de polvora já vassios.

Um grupo só resistia ainda. Compunha-se de vinte homens, no meio dos quaes estava João Machú, por alcunha Rato-de-Adega.

Emquanto teve um cartucho, queimou-o; quando não lhe foi possível mais fazer fogo, tomou uma espingarda pela ponta do cano e volveu-a em montante; um soldado tendo-lhe arrancado das mãos, João Machú apanhou uma faca no chão e atirou-se em cima do que o desarmara.

Não tinha outra esperança, senão a de poder ganhar uma nova, uma ultima victoria; ferido por uma bala no braço direito, tentou ainda combater com a mão esquerda; mas um golpe de coronha foi-lhe de encontro ao peito, sahiu-lhe um jorro de sangue da bocca, na qual estava quebrada a metade dos dentes, e cahiu para traz sobre um monte de cadaveres de federados e soldados.

Quatro de seus companheiros fugiram ao acaso, esperando em vão escapar dos soldados; dous outros abriram os casacos e correram de encontro

às balas; uma descarga de metralha varreu os deradeiros.

Um minuto depois reinava o silencio no cemiterio; os bandos de prisioneiros, com os olhos encolerizados, com a blasphemia nos labios, passavam pelo meio dos soldados, e alguns portadores de macas procuravam os feridos que ainda respiravam.

Era noite escura, quando João Machú readquirio a consciencia da vida.

Com os membros contundidos, a testa atravessada por um corte de espada, o peito esmagado, o miseravel não nutria esperanças de escapar á morte.

Não a temia até, porque a vida não lhe podia proporcionar nada que elle não conhecesse, e, nessa hora, o enjão do passado subia-lhe até a garganta.

(Continúa.)



## RECREAÇÕES

As soluções dos problemas publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada bisada *Garrião* — *Gorao*; da charada benedictina *Tapirele*; e da charada passiva *Mangabeira*. Aymoré, Carmelita, Carmen, Zuco, Oiram, Glorinha, Clio e Zica solveram todos os tres problemas.

Para hoje apresentamos:

CHARADA HOMOGRAPHIA (*Mendes Leal*)

4 — Senhor, esta cidade tem fructo?

CHARADA SYNCOPADA NOVISSIMA (*Nhazinha*)

3 — 2 — Briga á vontade...

CHARADA CASAL (*Aymoré*)

3 — A planta foi cortada com este instrumento.

## TORNQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 84

Uma gata.

PROBLEMA N. 85

Como é que Pedro pôde ser livre e sujeito ao mesmo tempo?

## CORRESPONDENCIA

*Patativa*. — Aceita a collaboração.

*Jurema*. — Obrigadissimos.

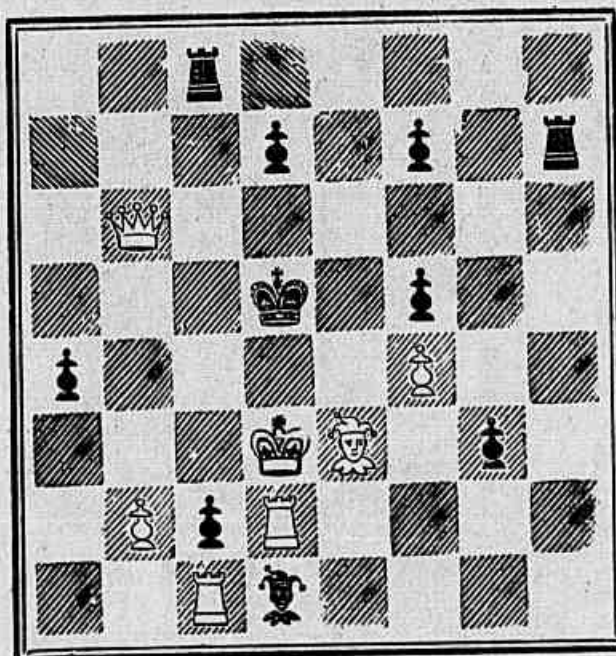
*Tuta, Clio e Bidonga*. — Recebemos.

Archimedes Junior.

## XADREZ

PROBLEMA N. 125 — DR. ANTONIO PIRES (RIO)

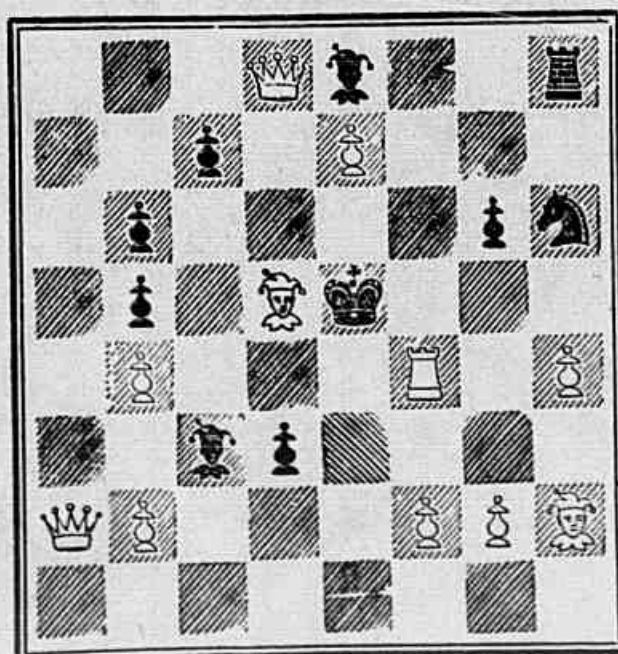
Pretas (10)



Brancas (7) — Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 126 — O. NEMO E M. FEIGL (VIENNA)

Pretas (10)



Brancas (11) — Mate em 3 lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 121 (*Galitzky*)

1 — B 3 T D! (Jogada inicial) 3 variantes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 122 (*Vaclay*)

1 — T 2 R, P 6 D — 2 — B 5 B D x desc., etc.

1 — ..... P 4 B — 2 — D 5 C x, etc.

1 — ..... R 5 B — 2 — D 8 C x, etc.

1 — ..... B ou C x T — 2 — B 4 C x desc., etc.

1 — ..... C 4 C — 2 — B 8 D x desc., etc.

1 — ..... C 1 B — 2 — B x C x desc., etc.

1 — ..... P 6 C — 2 — D 7 D, etc.

Resolvidos pelos srs. Theo, Silvano, Mlle. B. E., Roberts, Alipio de Oliveira, Zozoe, Salvio, Anto, Dr. C. L., Jofemo e Dr. B. C. R. (Palmyra.)

## EN PASSANT

Acha-se á venda, desde o principio deste mez, o *Anuario do Jornal do Brasil*. Além de curiosos trabalhos sobre variados assumptos, contem o *Anuario* um apanhado geral sobre a origem e principaes noções do xadrez, cuja leitura recomendamos a quem se sentir com disposições para aprender, pelo menos, o movimento das peças desse jogo, reconhecida-mente aristocratico e innocente.

Com os retratos dos membros das commissões brasileira e argentina, que disputaram o *match* de xadrez pelo telegrapho, realizado em agosto e setembro do anno passado, entre o Club dos Diarios e Club del Progreso, traz tambem o *Anuario* uma minuciosa descripção dessa interessante contenda.

Não recebemos ainda a *Stratégie* de março, mas, ao que nos consta, foi vencedor do torneio internacional de Monte Carlo, Maroczy, seguido de Pillsbury e Janowski. Esse resultado sorprende ao mundo enxadrista, pela inesperada derrota de Pillsbury, que aliás perdeu o primeiro logar apenas por 1½ ponto.

No proximo numero daremos o resultado completo desse importante torneio.

## CORRESPONDENCIA

*D'Aymors*. — As jogadas que o senhor propõe não resolvem os problemas ns. 119 e 120, como deverá ter visto, pelo que publicamos na secção passada. Lamentamos que ao estrear como solucionista desta columna, deparasse com trabalhos tão complicados. Não desanimem e verá que para o futuro será bem succedido.

*Aulo*. — Ficamos mais uma vez agradecidos aos delicados termos de sua carta de 5. Sentiremos muito se tiver de interromper a sua prestimosa correspondencia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54. • Secção de Xadrez. •

Heibas.

## LYCETOL GRANULADO EFFERVESCENTE

Preparado pelos Pharmaceuticos

CARVALHO, GIFFONI & C.

O Lycetol (tartato de dimethyl piperazina) é o mais poderoso dissolvente do acido urico, e, sob a forma agradável e elegante de *granulado effervescente*, corresponde ás seguintes INDICAÇÕES

Diathese urica, areias, calculos biliares, e vesicaes, inflamações dos rins e da bexiga, rheumatismo, gota, dermatoses inflammatorias, arterio-sclerose, colicas, nephriticas, etc., etc.

## MODO DE USAR:

Toma-se pela manhã, ao meio-dia e á noite, na dose ao conteúdo de uma a duas medidas (das que acompanham o frasco) de uma vez, dissolvido em agua simples ou em outro liquido, ou então ás refeições, segundo a recomendação do medico. (*Vide a Bula*).

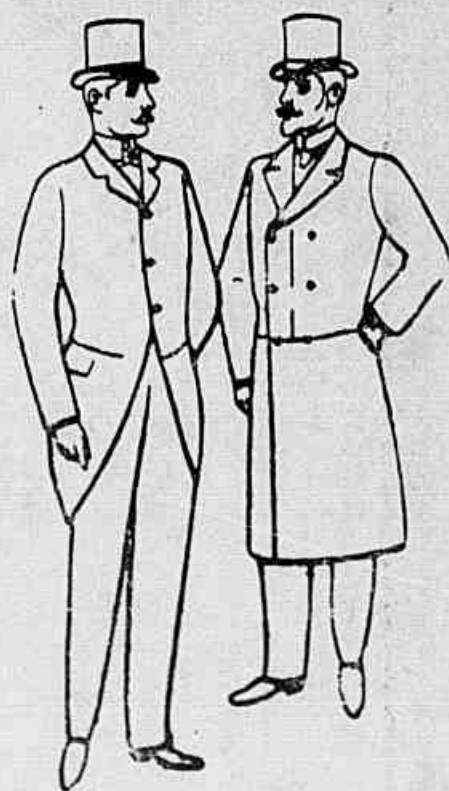
PHARMACIA E DROGARIA, DE CARVALHO, GIFFONI & C.

8, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 8

RIO DE JANEIRO

— Meu caro doutor, se queres vestir com esta elegancia e por preço razoavel, não percas tempo, vae á casa Mendonça, á rua Gonçalves Dias n. 8. E por 160\$ até 200\$000 mandarás fazer um bom terno de sobre casaca e por 150\$ até 180\$ poderás fazer um terno de fraque, assim como qualquer outra roupa que precisares mandar fazer, nesta casa farás com grande vantagem em preçõs, tecidos e boa manufactura.

— Pois, conselheiro, lá irei... lá irei...



**JEZLER**

E' o fabricante de charutos mais antigo e mais acreditado da Bahia. Emprega para a confecção de seus charutos — fumo velho de safras anteriores — Experimentem as marcas: **CONCORDIA, IRMÃS, BENJAMIM, VICTORIA, CREME e AROMATICOS.**

A' venda em todas as charutarias

E NO

DEPOSITO DOS AGENTES

**BOREL & G.**

62 Rua da Quitanda 62

**DENTES ARTIFICIAES**

**A. F. de Sá Rego**

ESPECIALISTA

1 RUA GONÇALVES DIAS 1

—) E (—

212 PRAIA DE BOTAFOGO 212

**CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS**

DO

**JORNAL DO BRASIL e da REVISTA DA SEMANA**

« JORNAL DO BRASIL »

Uma edição, da manhã ou da tarde, separadamente:  
Por anno . . . . . 30\$000  
Por semestre . . . . . 16\$000

Duas edições, da manhã e da tarde, conjuntamente:  
Por anno . . . . . 56\$000  
Por semestre . . . . . 28\$000  
Por trimestre . . . . . 15\$000

« REVISTA DA SEMANA »

Por anno (remessa com porte simples). . . 18\$000  
Por anno (remessa registrada). . . 28\$000  
Por semestre (remessa com porte simples). . 10\$000  
Por semestre (remessa registrada). . . 15\$000

Os assignantes das duas edições do *Jornal do Brasil* receberão gratis, como premio, a *Revista da Semana*. O assignante de uma só edição do *Jornal do Brasil* receberá como premio o *Anuario Illustrado do Jornal do Brasil*.

*A Equitativa*

Sociedade de seguros mutuos sobre a vida, terrestres e maritimos

EMITTE APOLICES de seguro de vida com resgate em dinheiro mediante sorteio annual em vida do segurado, desde o primeiro anno de seguro.

Seguros realizados. . . . 85.000:000\$000

Pedir prospectos na

SÉDE SOCIAL A

7 RUA DA CANDELARIA 7

**PHOTOGRAPHIA**

Grande sortimento de material photographico, recebido directamente; machinas, chapas, papeis, productos chimicos, etc., etc.

Acaba de sahir do prélo a nova edição do catalogo, contendo as formulas usadas pelos principaes photographos e amadores desta Capital e da Europa.

—« DISTRIBUIÇÃO GRATUITA »—

**BASTOS & DIAS**

52 Rua Gonçalves Dias 52

SOBRADO

**A SUL AMERICA**

é a mais importante

**COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA**

Funcionando no Brasil

Possue fundo de garantia — Realizado em dinheiro e superior a Rs. 8.500:000\$000  
Já emittiu seguros no valor superior a Rs. 100.000.000\$000  
Pagou por sinistros mais da Rs. 2.500:000\$000.

Unica Companhia Brasileira que funciona nas Republicas Argentina, Uruguay, Chile, Perú, Bolivia, Equador e Paraguay

SÉDE SOCIAL

56, Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

**LOTERIA ESPERANÇA**

EXTRACÇÕES DIARIAS

EM

**NICTHEROY e ARACAJU**

Os bilhetes acham-se á venda em todas as localidades do Brasil e especialmente na agencia geral á rua Visconde do Rio Branco n. 67, Nicttheroy — O representante da companhia, **M. MELLO.**

**LOTERIAS DA CANDELARIA**

Em beneficio do Recolhimento de N. S. da Piedade

Sob a immediata

responsabilidade da mesma Irmandade, decretos municipaes ns. 543, 7 de maio de 1898 e 779, de 3 de novembro de 1900

EXTRACÇÃO 14 do corrente EXTRACÇÃO

ÁS 2 1/2 HORAS DA TARDE

88 RUA DOS OURIVES 88

PREMIO MAIOR

**20:000\$000**

72ª loteria 9º plano n. 10  
Só jogam 5.000 bilhetes a 10\$000, divididos em decimos de 1\$000

Acceitam-se pedidos de numeros certos para todas as loterias. Os pedidos do interior devem vir acompanhados do respectivo sello. As encomendas são respeitadas até á vespera do dia da extracção.

As vendas verificam-se até uma hora antes da extracção.

Agencia geral: 88 RUA DOS OURIVES 88

O agente geral, **JOSÉ JOAQUIM DO ROSARIO**

**COMPANHIA**

DE

**Loterias Nacionais do Brasil**

SEDE: CAPITAL FEDERAL

**RUA NOVA DO OUVIDOR 92 e 92 A**

Caixa do Correo n. 41

Endereço telegraphico — LOTERIAS

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

EXTRACÇÕES A RUA S. JOSE' N. 29

**LOTERIA DA CAPITAL**

EXTRACÇÃO

**Sabbado 12 do corrente**

ÁS 3 HORAS DA TARDE

N. 87 — 12ª

**50:000\$000**

Inteiros 6\$000, oitavos 750 réis

**Sabbado 10 de maio proximo**

ÁS 3 HORAS DA TARDE

N. 75 — 11ª

**200:000\$000**

Inteiros 15\$000 — Vigésimos 750 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Camões & C.**, becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correo 946 e **Luiz Veloso & C.**, rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correo 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções.

Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

**Companhia Typographica do Brazil**  
**GRANDE FUNDIÇÃO DE TYPOS**

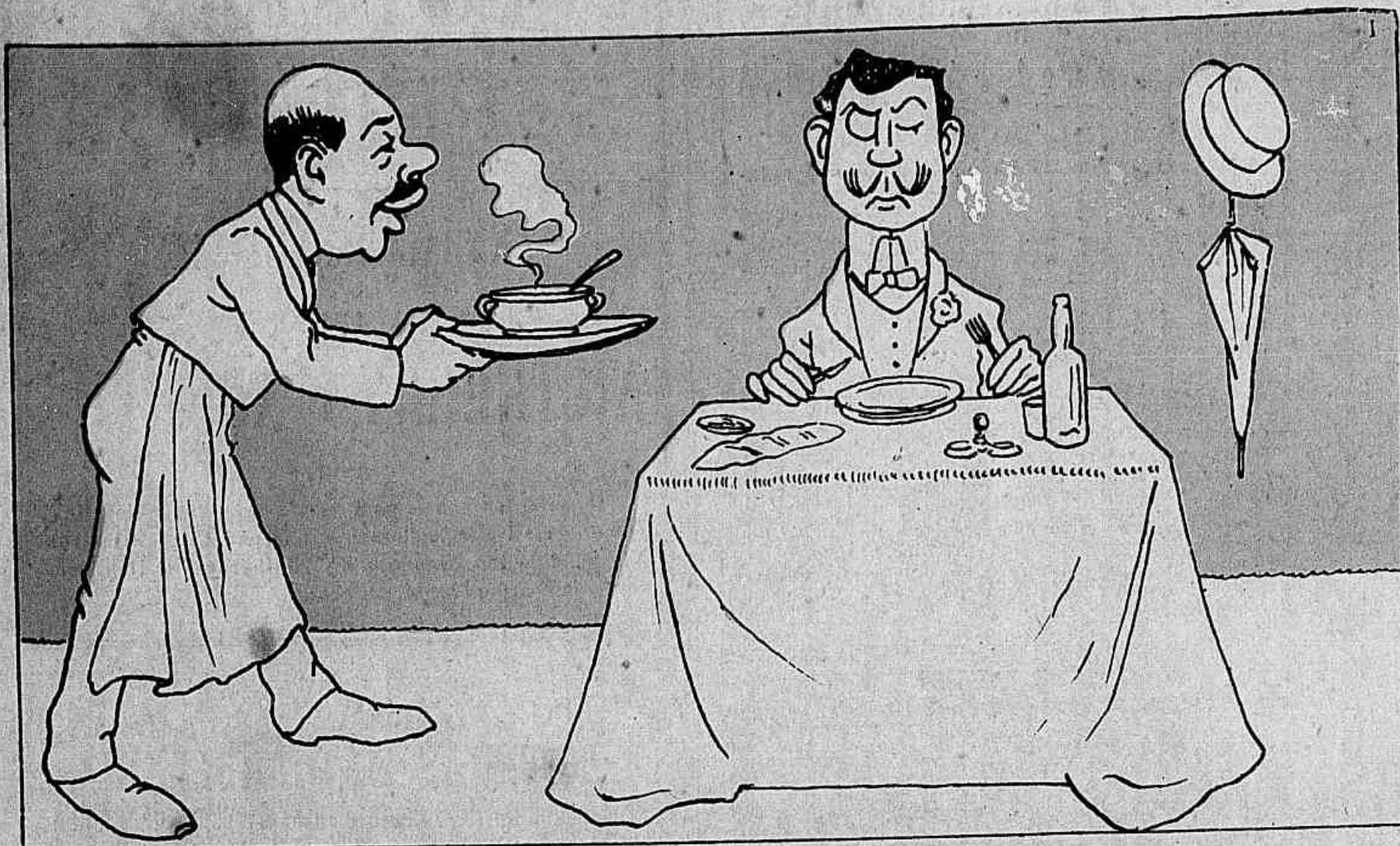
**RUA DOS INVALIDOS, 93 — RIO DE JANEIRO**

Representante dos principaes fabricantes da Allemanha e França

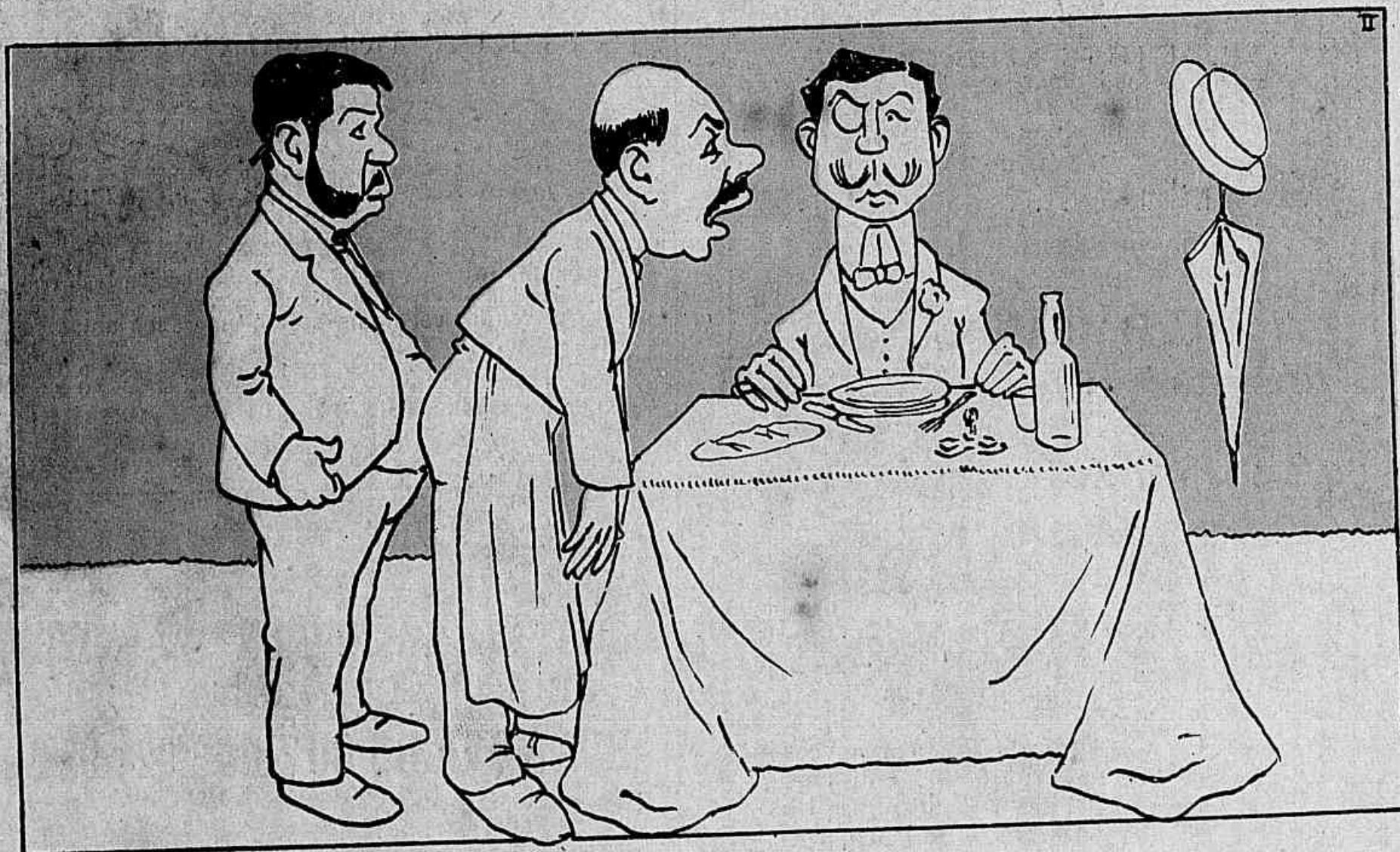
TEM SEMPRE em deposito grande quantidade de typos para obras e de fantasia. ENCARREGA-SE de montar officinas typographicas para jornaes e avulsos, e mandar vir machinas de impressão de todos os systemas.



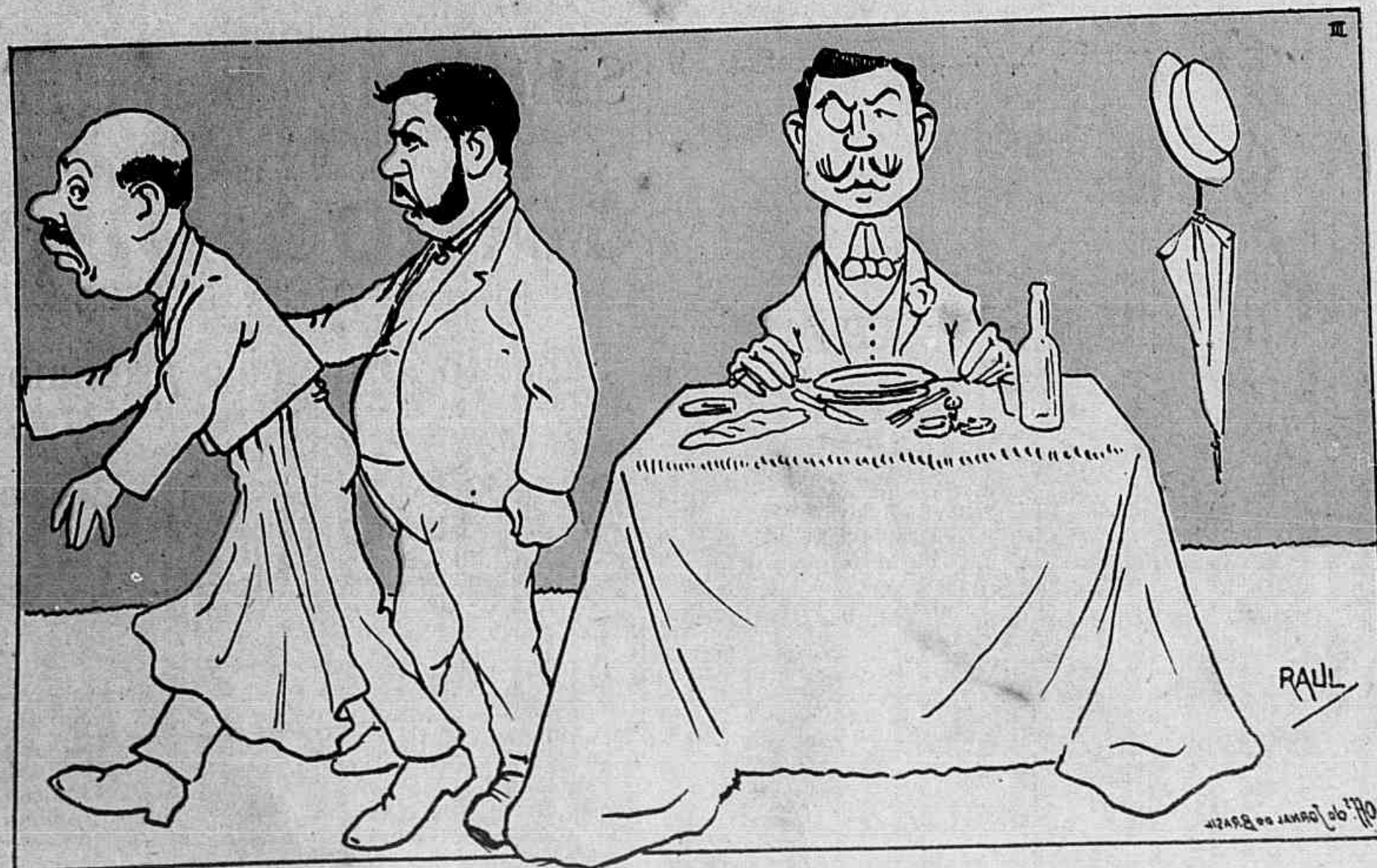
## UM MÁO QUARTO DE HORA



— Vossencia não quiz das outras sopas do *catalogo* porque talvez não estivessem a seu gosto, mas esta que agora trago posso garantir que é muito fina e bem temperada...  
— Volte outra vez. Também não posso tomar esta sopa!



— Saberá Vossencia que não ha razão para desconfiar da nossa cozinha; aqui está o patrão que pôde garantir a limpeza do serviço.  
— Já lhe disse que não posso tomar nenhuma das sopas que me trouxe!  
— Inda que mal pergunte, não poderemos saber porque?



— Porque não tenho colher!

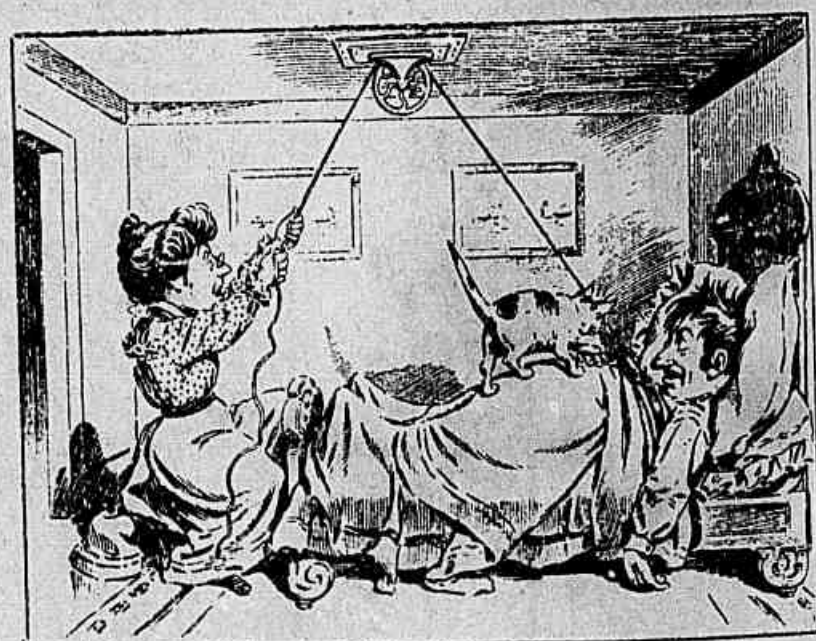
## UM INVENTOR DESASTRADO!



— João: é preciso inventares um meio de accordares mais cedo. Isto assim não pode continuar.



— Não te amofines, mulher; com esta rodinha eu arranjo tudo.



— Puxa agora para ver como funciona.



— Lá se foi tudo quanto Martha fiou!